

Os sindicalistas presos

Continuam encarcerados muitos camaradas nossos, alguns dos quais, por não estarem pronunciados, não conhecem sequer qual o crime de que são acusados. Sem culpa formada, conservam-se presos durante meses e meses criaturas cujo único crime é serem militantes operários.

Parece que as autoridades da república estão apostadas em aumentar o número dos revoltados. Na verdade não há elemento mais revolucionário do que a própria polícia com as suas violências. Mas da outra parte, por mais que isso aproveite a causa, não podemos deixar de protestar contra o facto.

Isto é tão revoltante que os próprios políticos nos seus programas de revolução costumam sempre incluir o número da libertação dos presos por questões sociais. Se os governos fossem um pouquinho mais inteligentes não deixariam nas mãos dos seus adversários de oposição esse elemento de captação entre as camadas populares.

De resto, dizendo isto, nenhum favor reclamamos, mas apenas o reconhecimento de direitos que estão até consignados na Constituição. Os próprios republicanos, se fossem sinceros nas crenças que dizem ter, seriam os primeiros a combater esta infracção aos princípios defendidos pela democracia e que foram dos mais proclamados na Revolução Francesa.

Quando é que na república se põem em prática estes preceitos? Será preciso que se faça de novo uma revolução, senão sindicalista ou libertária, ao menos uma modesta revolução republicana para dar à república uma feição mais... republicana?

Parece-nos que o governo, com as suas perseguições, está afinal a fazer o jogo dos seus adversários. O que torna justificáveis as revoluções são exactamente os exageros e as violências do poder. E neste momento, nas suas relações com o operariado, o governo não sabe proceder doutro forma senão praticando violências e desrespeitando os direitos individuais, que a própria Constituição reconhece.

Os processos do Directório Militar

Publicou o *Diário de Lisboa* de antemão uma crónica do seu correspondente de Madrid sobre a actual situação de Espanha. Nessa crónica fazem-se referências ao dr. Pedro Vallina, caluniando-o duma maneira infame. Entre outras falsidades diz-se que Vallina foi expulso de França e da Argentina e que ultimamente fugira de Africa para onde o Directório o enviara.

Essas falsidades vindas de Madrid têm o objectivo de provocar contra o dr. Vallina a perseguição das autoridades portuguesas. Ora, o dr. Vallina portase em Lisboa com a máxima correcção, limitando-se a exercer com probidade a sua clinica, como medico competentissimo que é; nunca foi expulso da Argentina senão por outra razão, pelo menos... por nunca ter estado naquela república; não fugiu de Africa, pois abandonou Casablanca obrigado pelas autoridades do protectorado francês, a pedido do Directório.

Lamentamos que o *Diário de Lisboa* se preste consciencie ou inconscientemente, a dar vulto às calúnias que o Directório boia contra pessoas de carácter íntegro.

Os acontecimentos de Espanha

O faro policial

LONDRES, 11.—Notícias fide dignas recebidas de Espanha asseguram que o «complot» anarquista descoberto em Barcelona para derrubar o actual Directório militar é financiado pelos soviéticos, que enviaram aos anarquistas espanhóis os fundos necessários, bem como grande quantidade de armas e munições.

A polícia está de posse de toda a meada revolucionária, estando já presos os dirigentes da conspiração.—(R.)

A liberdade de imprensa

MADRID, 11.—O presidente interino do Directório declarou que em virtude das circunstâncias actuais é impossível, por enquanto, o restabelecimento da liberdade de imprensa.—(R.)

40 prisões — Marcelino Domingo preso

MADRID, 11.—A polícia continua nas suas investigações sobre o movimento revolucionário, tendo sido efectuadas 40 prisões, no número das quais se conta o ex-deputado republicano extremista Domingo.—(L.)

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

A luta pela existência na Alemanha

O patronato recusa-se por todos os meios a conceder aumento de salário, embora a situação do operariado seja insustentável, e responde a esses pedidos de aumento fechando as fábricas e despedindo os operários em massa. Constatou-se que a percentagem dos salários, calculada pelo valor da compra, diminuiu enormemente desde o período que precedeu a guerra e eleva-se apenas a 50 % sobre o que era em 1914. Se vamos pensar, por outro lado, que o facto da diminuição de preços que estão prometendo há meses ao proletariado alemão, se converteu num aumento de 5 % para os géneros alimentícios, ver-se-á há bem como o governo alemão enganou vergonhosamente a classe operária com a ajuda da social-democracia.

Em lugar da baixa de preços encontramos em face de más perspectivas de colheita, de maneira que se fala muito seriamente em tornar a vigiar a carta do pão.

E de prever que durante as próximas semanas haja um agravamento na situação material da classe operária, pois o aumento do preço do pão acarretará, devido às taxas alfandegárias, um aumento geral de preços. Além disso é conveniente lembrar os novos impostos que resultam do pacto de Londres.

Só passaram cinco semanas depois de se ter aceitado o plano dos peritos e o paraíso que os «leaders» sindicais anunciavam à classe operária alemã transformou-se num verdadeiro inferno. Toda a imprensa burguesa e social democrata está recendo novos conflitos e ainda mais sérios do que os anteriores.

Qual é o estado actual da classe trabalhadora alemã? Depois da estatística económica de Rote Fahne, o mínimo necessário para a existência duma família operária elevava-se há pouco tempo a 94,98 marcos. Ora o salário hebdomadário dum operário qualificado é apenas de 30 a 35 marcos em média. É necessário retirar deste salário, os impostos e os prémios de seguro, a taxa de assistência aos seus trabalhos, as cotizações, etc. De há seis meses para cá não houve nenhum aumento importante de salário. Pelo contrário, os leaders reformistas deixaram prolongar, sem encontrar resistência, os antigos contratos. E por essa razão que todas as lamentações que vem na imprensa socialista e democrata, são uma refinada hipocrisia.

Resumindo: a classe operária alemã está em véspera de lutas peníveis. Mas a sua resistência começa a organizar-se.

Ameaça de greve geral no México

Parece que se vai dar uma greve geral em Tampico. As tropas federais, encarregadas de proteger os jazigos petrolíferos da Mexican Gulf Petroleum contra os operários em greve, fizeram fogo sobre os manifestantes que se aproximavam do acampamento e feriram um elevado número. Todos os trabalhadores estão exaltadíssimos, pois não compreendem a razão porque o governo se intitula socialista e diz dar todo o apoio ao operariado. Todas as organizações sindicais de Tampico protestaram vigorosamente junto do governo central e no entanto preparam-se para fazer uma greve geral de protesto. Entre outras coisas, reclamam o desarmamento geral. Mas o governo socialista e os proprietários de que não estão pelos justos. Os meios comerciais de Tampico mostram-se bastante inquietos com o aspecto da greve e já estão arrependidos do ataque que as tropas fizeram aos manifestantes operários e que foi a origem de todo este estado de coisas.

NOS SAPADORES DE CAMINHOS DE FERRO

As perseguições e agressões a soldados e sargentos

Ultimamente referimo-nos ao castigo dado pelo tenente-coronel sr. Raul Esteves ao 2.º sargento António Ferreira Coelho, por este ter intercedido, junto do sr. Adães Bermudez, afim de ser melhorada a angustiosa situação dos soldados que trabalhavam nas obras do monumento ao Marquês de Pombal.

Parece que o seu castigo se não daria se não fosse a atitude assumida pelo tenente sr. Carlos de Melo a quem, em tempos, o 2.º sargento lhe deu todas as facilidades para montar uma tabacaria, oferecimento que não foi aceite devido à situação do referido tenente se ter modificado por lhe ter sido dada autorização para montar baracas no parque Eduardo VII.

Há, aproximadamente um ano, que o ex-soldado sargento Francisco Penalva, foi agredido nas costas pelo sr. capitão Baptista que para tal se serviu da espada. Da agressão apresentou queixa ao tenente-coronel sr. Raul Esteves que como resposta o castigou e transferiu para Setúbal. O referido sargento requereu para se pôr a salvo de perseguições que o transferissem para outra unidade. Porém, o requerimento não passou no ministério da guerra por influência dum conhecido do sr. Raul Esteves, o sr. capitão Marques, e o sargento foi iniquamente licenciado.

Foi também transferido para o Entrancamento o 1.º cabo 938 da 5.ª companhia, chauffeur do sr. Raul Esteves, por dizer que, se um dia quizesse falar... De facto o referido chauffeur parou muitas vezes o carro à porta do Maxim's e do Monumental Club.

Há também umas «meninas» que tomam chá e aprendem equitação, «meninas» de certo que amam o militarismo como a elas mesmas...

OS FASCISTAS

Um conflito armado em Ravenna

RAVENNA, 11.—Deu-se nesta cidade um grave conflito entre fascistas e anti-fascistas, ficando morto um dos primeiros, e dois gravemente feridos.—(R.)

NOS CONFINES DA BEIRA BAIXA

O trabalho e a probidade combatidos pela ambição e pelo crime

Os povos de Alares, Cobeira e Cegonhas têm sido alvo dos mais revoltantes atentados

Em casa duma pessoa de família de Apolinário Gardete—ali todos são primos, cunhados e genros uns dos outros—prosseguia a nossa conversa acerca do conflito que ao povo de Cegonhas nos levava.

Os pés junto da fogueira crepitante, porque o frio apertava, formámos círculo. Mais algumas pessoas vêm a nós, na ansia de bem nos informarem.

Joaquim dos Santos Ferreira, 1.º cabo da G. N. R., que ali se encontra comandando uma pequena força que tem por missão defender aquele povo dos ataques rosmanhinhos, aproxima-se embuçado no seu capote. Seguem-no os soldados n.º 46, Mário Pedro Carretas, e o n.º 226, José de Aguiar, ambos do 3.º batalhão da G. N. R. Escutam com atenção o relato dos acontecimentos que, em parte, presenciaram e nos quais intervieram.

Apolinário Gardete, numa linguagem típica e colorida relata os atentados bárbaros que o povo do Rosmaninhal tem praticado contra aquela pacífica e laboriosa gente.

As invasões dos bárbaros

—Há mais dum ano — diz ele — que os povos dos Alares, Cobeira e Cegonhas sofrem as maiores torturas, os mais custosos martírios.

E num impulso de indignação Apolinário conta, quasi dum facto, as barbaridades cometidas:

—Em Setembro deste ano, cerca de 3.000 rosmanhinhos invadiram os montes, armados de foices, cajados, facas e pistolas, e erguido no ar um pendão de guerra, lançaram-se sobre o gado que um pastor da Beira guardava, assassinando cerca de trezentos carneiros e ovelhas! Outras vezes, assaltam as terras de sementeira, arrancam as searas, estragam as sementeiras e, de chacota, lançam à terra punhados de areia, fingindo que semeiam trigo. Apedrejam-nos e espancam-nos. Trazem instrumentos de música e cantam e bailam, ante os povos impotentes para se deffrontarem com tam grande número.

—Há tempos, de noite, um homem e uma criança do Rosmaninhal incendiaram quatro palheiros. Morreram queimados nove suínos entre eles duas porcas «embocadas a parir». Desse incêndio salvaram-se a custo oito vacas e dois burros. Um homem que dormia num dos palheiros escapou quasi por milagre. Roubaram vinte e duas vacas que fazem grande falta para a agricultura. Calcula-se em 1.600 as carradas de trigo roubado.

Para rematar o seu relato indignado, que puzera nos olhos das mulheres que nos cercavam uma sombra de terror, Apolinário murmurou ao despedir-se de nós:

—Dois dos ladrões presos declararam que todas as festas no Rosmaninhal são feitas com a carne roubada nos montes. Verdadeiros festins de bárbaros!

O morticínio dos gados

Pela noite adiante, enquanto lá fora alguns camponeses, que se rendem todas as noites, velavam, ao frio e à geada, pela segurança da povoação, o 1.º cabo Joaquim dos Santos Ferreira, comandante da reduzida força da G. N. R. (se praças) que em Cegonhas se encontra aquartelada, fez-nos, em amena conversa, declarações preciosas.

—Estava eu em diligência no Rosmaninhal quando me vieram avisar de que cerca de três mil pessoas atacavam o monte da Cobeira, na intenção de assassinar gado e saquear os haveres daquele povo. Parti imediatamente, acompanhado por duas praças, a juntar-me a outras duas que estavam de serviço no referido local.

—A custo destróímos os amotinados. Fômos encontrar várias cabeças de gado lanigero e caprino mortas a tiro e algumas esfoladas. Chegaram a praticar a barbaridade de arrancar a pele a alguns animais vivos que se contorciam com dores horripantes.

—E não foi possível prender alguns assassinos? — perguntámos.

—Prendemos dois na ocasião em que esfolavam uma ovelha. Entreguei-os depois à respectiva autoridade. Consta-me que foram aliciados em 12.000 escudos cada um.

—Disseram-nos que os assassinos não se limitaram a matar as 300 cabeças de gado...

—Destruíram também algumas dezenas de colmeias — afirmou o nosso entrevistado.

—Arrastaram os cortijos para o fogo e para as poças de água a fim de matarem as abelhas, e levavam a cêra. As cancelas que serviam de abrigo ao gado foram espantadas também.

—Bárbaros!

—E o pobre pastor — contou Joaquim Ferreira — foi perseguido a tiro até à fronteira espanhola, para lá do Tejo. Lançou-se o perseguido à água, nadando desesperadamente para a outra margem, e só durante a travessia dispararam-lhe sete tiros, que felizmente não o atingiram. Um vandalismo perfeito!

Um padre ao serviço dos ricos

—O padre Rodrigues, prior do Rosmaninhal — relatou-nos o referido cabo que tem ao clero um amor enraizado... — numa pândega que realizavam naquela terra, segundo é voz corrente, arregaçou entusiasmado as mangas do casaco e cortou pedaços da carne roubada para dentro dum caldeirão.

—Belo ministro de Deus... — comentámos.

—Há mais — prosseguiu o cabo. — E pode dizer na *Batalha*, jornal que admiro pelas suas campanhas a favor dos pobres e dos operários, que assumo inteira responsabilidade das minhas palavras.

Os dois soldados, cujos nomes acima citamos fizeram igual declaração. E o nosso entrevistado continuou:

—Há mais. Quando os rosmanhinhos souberam da prisão dos assassinos a que há pouco me referi, correram ao Rosmaninhal, tocaram os sinos a rebate, juntando muito povo na intenção de assaltarem a força e roubarem os presos, que a essa hora já se encontravam no Ladoeiro.

—Raivosos, avançaram em massa sobre o monte dos Alares, sendo repellidos por mim e pela força do meu comando. Entretanto, como a força era diminuta ainda puderam praticar algumas proezas. Destruíram também muitas colmeias e queimaram inúmeras sebes. Foi uma razia.

Ficámos um momento silenciosos, fitando o lume que crepitava a nossos pés e pensando na malvezza requintada dos rosmanhinhos incitados pelos ricos que os enganam.

Assaltos à mão armada

O nosso entrevistado, murmurou:

—Até assaltos à mão armada se têm feito. Na noite de 20 de Setembro, atraída a minha atenção por gritos de socorro, corri com a minha força para o local. Era uma criatura que fôra assaltada a tiro por um tal «Cai Nada» e sua tropa que lhe roubara roupas no valor de 600 escudos. Participei o caso às autoridades competentes — e nada...

E para terminar as suas declarações o 1.º cabo Joaquim dos Santos Ferreira contou-nos:

—Dias depois destes acontecimentos, em 24 do citado mês de Setembro, recebi ordem superior para recolher à unidade a que pertencio, com todo o meu pessoal. Quando cheguei ao Rosmaninhal, o sr. José Moura, principal cabecilha daquele povo amotinado, declarou-me entre outras coisas que tinha sido o prior a que me referi, quem mandara por diversas vezes proceder àqueles vandalismos.

Era tarde já e aquela gente está habituada a deixar-se cedo para se levantarem, alguns deles, às duas da madrugada.

Uma cama alva de lençóis, arrendados — gentileza daquele povo hospitaleiro — esperava o nosso corpo fatigado por um dia de viagem e pelas emoções violentas que naquela terra experimentámos.

Um quadro enternecedor

Luziam no céu as últimas estrelas da manhã quando nos erguemos e nos fomos postar à porta da casa que nos acolhera. Debandava para o campo a população laboriosa. Era frouxa e indecisa a luz azulada dos primeiros instantes do dia.

Saiam os rebanhos, ao som bucólico dos chocalhos; passavam os bois gordos, amarelos e pacientes que iam puxar o arado; andavam os suínos roliços aos encontros, à cata da ração matutina que os esperava já. E os homens, a passo cadenciado, envolvidos nas capas, uns, em mangas de camisa outros, a despeito do frio, proferiam um «bom dia» doce e amigável ao passar por nós.

Naquelas três povoações nunca houve autoridade. E, entretanto, não há memória duma rixa ou questão ter aberto as portas à Justiça. O respeito mútuo, a solidariedade e o cumprimento integral dos deveres de trabalho e de cordura, mantêm uma harmonia e uma solidariedade indestrutíveis. Desde as questões más insignificantes até à luta que sustentam agora contra os magnates que pretendem despossa-los do que lhes custou a vida inteira de trabalhos, o lema «todos por um e um por todos» faz deles um bloco unido e solidário.

A imoralidade que nas más pequenas aldeias já se encontra, arrastando moças para prostituição e jovens para a vadiagem ainda não assentou ali os seus arraiais. Uma rapariga estouvada que, por acaso surja, naquelas lugares é um aberração tão rara que todos dela se afastam enojados. Na idade de amar casam os jovens com grande pompa e alegria, das quais compartilham todos os habitantes.

O dinheiro não lhes é preciso senão para adquirir, fora das povoações, utensílios necessários que os seus braços não podem produzir. Entre eles tudo se resolve por uma permuta de serviços e a palavra dada vale mais do que uma escritura.

Um povo exemplar

A terra é dividida em «folhas» — talhões — que trabalham com amor. O que tiver a seu cargo — mercê duma sorte que se tira — a cultura dum talhão pede a outro os animais para puxar o arado, gradar, etc. Para os talhões em descanso vão rebanhos de gado que ao pastarem os estrumam. Não falta pão a ninguém, porquanto aquele que, por infelicidade duma má colheita não obteve o bastante, pede o que lhe falta a quem teve melhor sorte.

Um nevoeiro baço envolvia a manhã frigidíssima. Subimos uma encosta íngreme e lá do alto, via-se um pedaço de terra mais negra e revolvida. Desprovidos dos bois que lhes roubavam, servem-se, para lavar, de burros e eguas, que lá vão lenta e cadenciadamente abrindo as entranhas da terra que sangrando ficam à espera da semente.

O ambiente de paz e de tranquilidade que se evolava dessa manhã fria e fúbeola, tocou-nos enternecedoramente o coração — e pensamos connosco que gente, assim, crucificada pelo lar e martirizada pelos poderosos, merecia a solidariedade de todos os que nas oficinas, nos campos, nas minas e nos laboratórios sonham com um futuro venturoso para os homens que tenham apenas como títulos nobiliárquicos o seu amor ao trabalho e o seu respeito pela mais pura justiça.

A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

NA ITÁLIA

A farça do julgamento do assassino de Matteotti

Já que não conseguiram encobrir o crime de que foi vítima o deputado socialista Matteotti, nem ocultar os seus assassinos, os fascistas pretendem agora desvirtuar os móveis desse odioso atentado — como um caso vulgar, e não como resultado duma conspiração urdida nas altas esferas do governo.

Para este fim, os diários fascistas iniciaram uma campanha para demonstrar que só Dumini interveio no sequestro e assassinato de Matteotti, e que obrou por impulso próprio, e não por mandato dos seus chefes. Nestas condições não tiveram portanto intervenção alguma no crime os outros indivíduos, que se encontram presos.

Segundo as declarações dos mesmos jornais, o crime poderia ser reconstituído do seguinte modo:

«Persuadido da responsabilidade moral de Matteotti no assassinato do jornalista Berservizi, em Paris, Dumini formulou o desejo de sequestrar o deputado socialista, para obrigá-lo a uma confissão. Para realizar o seu propósito, agrediu Matteotti, até conseguir arrastá-lo para o automóvel, que se encontrava parado no passeio Lugo Te vere Arnaldo de Brescia.

Uma vez dentro do automóvel, Matteotti tentou defender-se energicamente, e gritou com toda a força dos seus pulmões. Para o calar, Dumini, e os que o acompanhavam, enfiaram-lhe a própria pasta na cabeça e apertaram-na com tanta força, que o infeliz faleceu.

O relato que os jornais fascistas atribuem a Dumini está, em muitos pontos, em contradição com o sumário do juiz de instrução, mas certamente por intervenção de Mussolini — a fim de se salvar a fé própria e a outros comparsas — Dumini assumiu a responsabilidade completa do assassinato com a promessa de ser posto em liberdade mais tarde mediante um indulto.

E será este o desenlace da farça jurídica que o fascismo representa, para impressionar o povo italiano com a aparatosa cerimónia da justiça legal.

O perigo... alaranjado

Houve em tempos o perigo amarelo, agora só se fala no perigo vermelho. Os dois confundem-se actualmente pois os sóviets decidiram bolxevizar a China, segundo contam os jornais.

Para começar, a Rússia enviou os vinte e cinco navios da sua frota do Báltico às águas chinesas. Chegaram ao seu destino? E os japoneses não irão pôr-se de permo, por exemplo lá para os lados de Tsushima onde em tempos uma outra esquadra russa, vinda também de longe, foi completamente destruída?

Os dirigentes actuais da Rússia naturalmente não previam este caso, pelo contrário, pois que eles declaram categoricamente, que aquele passo é apenas o começo da transformação mundial pela força. Logo que os chineses estejam bolxevizados, ambos invadirão a Europa.

Os vermelhos e os amarelos juntos?... eis caro leitor o perigo alaranjado que desponta no horizonte.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

SITUAÇÃO DOS PRESOS

Continua a registar-se o regime da incomunicabilidade a fim de saciar a vontade expressa em perseguir e violentar do sr. Ferreira do Amaral, pois consta-se a ida de José Filipe novamente para a esquadra das Mónicas, simplesmente por não agradar a essa entidade a forma como ele se apresenta deante da mesma.

Também ainda se encontram no imundo calabouço 7 do governo civil alguns trabalhadores. Há imenso tempo às ordens arbitrárias do dr. Barbosa Viana, que ainda não entendeu dever restituí-los à liberdade, para sua consolação.

Sobre um officio enviado pelos presos sociais que se encontram no Limoeiro, vai um delegado entender-se com os mesmos.

Aos camaradas presos e perseguidos em Guimarães por efeito do último movimento ali ocorrido, vai este secretariado enviar o respectivo subsídio.

Recebeu também o secretariado vário expediente a que vai imediatamente responder.

Licença para matar

Escrevem-nos protestando contra a atitude despótica como Manuel Lopes, gerente da fábrica que a Moagem tem no Beato, procede para com o pessoal operário. Sucede ainda que o mesmo gerente, que nunca foi chauffeur nem possui habilitações para conduzir um carro, de quando em vez sae, por mero recreio, num dos automóveis da Moagem. Num desses passeios, ao passar no Beato atropelou um operário da Companhia dos Fósforos e matou-o. A mulher deste operário, que é tuberculosa e tem três filhos menores, ficou sofrendo a maior miséria. A polícia não procedeu, no que dá a entender que Manuel Lopes, a quem os operários alcunham de «Rivera», tem o direito de guiar automóveis sem ter carta e possui carta branca para matar os operários que encontra no caminho.

Um agente da P. S. E. alvejado a tiro

O ex-dirigente do Sindicato dos Manipuladores de Pão, Manuel Tavares Adão, ficou gravemente ferido

Manuel Tavares Adão, foi ontem, de manhã, alvejado a tiro, na estrada de Sacavem recolhendo ao hospital de S. José, perigosamente ferido. Os seus agressores desapareceram em seguida, o que não impediu a polícia de fazer recair as suas suspeitas sobre dois indivíduos cujos nomes foram ontem publicados nos jornais da noite.

Os autores do atentado, segundo as informações dimanadas da polícia e que esta colheu no local onde se deu o atentado, estiveram duas horas antes, 6 da manhã, numa taberna pertencente a José Maria Ramos, estrada de Sacavem, 134. Um deles vigiava, continuamente, a rua pela porta do estabelecimento. A certa altura, 8 e meia da manhã, o que estava de vigia gritou para o outro que se encontrava sentado no interior da taberna: «ai vem ele».

Era de facto o Manuel Tavares Adão. Os dois saíram da taberna, avançaram para ele e dispararam. Tavares Adão atingido por alguns dos tiros disparados, tentou segurar-se a um poste dos eléctricos, mas faltando-lhe as forças rolou por terra, banhado em sangue. Tudo isto se passou rapidamente, desaparecendo os agressores que enveredaram pela Azinhaga das Freiras.

Ao ruído dos tiros acudiram várias pessoas, entre elas Teresa Nunes da Fonte e Maria Rosa. O ferido foi conduzido ao hospital de Arroios, sendo depois removido, por ser grave o seu estado, para o hospital de S. José.

Ainda por informações oriundas da polícia, Manuel Tavares Adão pertencia à P. S. E. a quem fazia delações de vários operários que eram, por sua indicação, metidos em calabouços do governo civil.

Não conhecíamos Manuel Tavares Adão, nem sequer de nome. Fomos uma vez, nesta redacção, procurado por ele, que depois de não declinar a sua identidade nos contou que pertencera aos corpos administrativos do sindicato dos manipuladores de pão, tendo sido depois da última greve da sua classe, nomeado fiscal das padarias da Moagem. Vinha-nos pedir que fizéssemos um desmentido, pois jurava-nos por tudo que não pertencia à polícia, nem tam pouco se tinha «vendido». Replicámos que não o conhecíamos e que nunca tínhamos publicado o seu nome, a nenhum pretexto, nem por essas razões lhe tínhamos feito a menor acusação. Tavares Adão insistiu, recusando-se a ir à associação dos Manipuladores do Pão, visto que lá o conheciam, segundo ele nos afirmava, para que desmentíssemos que ele não era da polícia. Achámos muito extraordinário aquele pedido vindo duma pessoa que nos era estranha, mas como ele nos dissesse que receava pela sua vida, demos-lhe o que nos pediu. E de facto, apareceu no nosso jornal uma declaração dele em que afirmava que não era da polícia e desafiava quem o acusasse a apresentar provas.

Afinal é a própria polícia que diz que ele nos veio ludibriar pois que ela declara que Tavares Adão era espiao ao serviço da P. S. E. Realmente, tornava-se estranhável que a Moagem nomeasse para seu fiscal um indivíduo que pertencera aos corpos gerentes dos Manipuladores de Pão, sem que este traísse os seus companheiros de profissão.

Uma vítima pede justiça

Escreve-nos uma vítima da cédula pessoal, isto é, uma das pessoas que adquiriram o odioso papelinho que agora nem para o W. C. serve por ser pequeno, por ser mau, etc. Que quere a vítima? Justiça. Que tem a justiça a fazer nesta cédula que já pertence ao passado? Diz-nos a vítima que a justiça deve meter as mãos nos bolsos e indenizar as pessoas que adquiriram a cédula pessoal. A justiça cifra-se em que as acções fiquem com quem as praticou. E o caso da cédula. Quem a adquiriu que fiquem com ela. Foi um roubo? Decerto. Mas, em que época a obediência ao Estado, o servilismo perante o Estado, representou um benefício?

E é devido ao servilismo, à obediência de muitos que o povo é prejudicado. Se a cédula pega, muitos veriam a sua vida, por sempre, irremediavelmente comprometida por causa da aceitação do odioso «passaporte amarelo» que tudo continha, inclusive, a certidão de óbito!

E note a vítima que nos assiste autoridade para falar deste modo, visto termos feito contra a cédula pessoal uma longa e viva campanha, secundada por todas as organizações operárias do país. Para finalizar dir-lhe hemos que se tornar a cair num lógo idêntico é porque nasceu para vítima e nessa fatalidade infelizmente não lhe podemos valer...

A cadeia transformada em escola

por iniciativa dos presos por questões sociais

Os presos por delito social que se encontram na cadeia do Limoeiro, Grupo B, fundaram ali uma escola de instrução primária para presos de delito social e comum.

Para bem cumprir a sua missão, apelam os organizadores da escola para todos os trabalhadores e amantes da instrução para que auxiliem aquela obra, monetariamente, com livros, papel, etc.

Toda a correspondência e auxílio deve ser dirigida a Manuel Viegas Carrascalão, Limoeiro, Grupo B, Lisboa.

CONFERÊNCIAS

A propriedade em Portugal

por José Carlos de Sousa, na Associação dos Empregados de Escritório

O nosso amigo José Carlos de Sousa efectuou na Associação dos Empregados de Escritório a sua anunciada conferência sobre a "Propriedade em Portugal".

O conferente começou por agradecer à Associação dos Empregados de Escritório o convite por ela feito ao grupo "O Semeador" para, por intermédio dum dos seus membros, versar um tema à sua escolha.

Vincou fortemente que os anarquistas não são homens de desordem nem a doutrina anarquista um doutrina de ódio.

la ali provar com os seus anos e com os seus actos estas verdades.

Entrando no assunto, fez uma rápida exposição de como a propriedade em Portugal, a princípio sob o regime de comunidade, se foi transformando em propriedade privada a ponto de, na actualidade, haver uma reduzida minoria de grandes proprietários em Portugal onde mais de 5 milhões de habitantes estão despossuídos dos bens sociais e nas mãos de meia dúzia de assam-breadores da propriedade. Salientou que a grande maioria dos que se dizem proprietários não dispõem em média de 10 m² de terra, havendo-os que nem senhores são dumha árvore inteira.

Historiou as vicissitudes por que passou a população da Península até ao reinado de D. Manuel I, salientando sempre que dos desvarios de administração pública, do espírito guerreiro de conquista e da empresa mercantil nas paragens do Oriente, tudo filho do direito de propriedade privada, derivam todas as infelicidades dos que vivem apenas do seu trabalho.

Anatole France

pel. dr. Câmara Reis na Universidade Livre

Como estava anunciado, o dr. Câmara Reis realizou, na Universidade Livre, uma interessante conferência sobre Anatole France.

No seu trabalho, o orador começou por fazer salientar que Anatole France representava ultimamente, não só em França, mas perante o mundo inteiro, uma das mais altas consciências, como, nos seus derradeiros anos, Voltaire, Goethe, Hugo e Tolstói. Essa autoridade proeminente do valor extraordinário da sua obra literária e, sobretudo, das suas ideias políticas e sociais.

Depois, traçou sumariamente a biografia de Anatole France, uma infância contemplativa, uma mocidade estudiosa, um temperamento devanador, uma inteligência e uma sensibilidade aparentemente preguiçosas. Não sentia a ânsia da celebridade, disse ainda.

Aos trinta anos publicou um livro de versos e, três anos depois, outro.

O seu primeiro livro de contos foi escrito perto dos quarenta anos, assim como esse maravilhoso "Crime de Silvestre Bonnard", onde se revelam os maiores tesouros de graça, de limpa harmonia, de ritmos delicados, de imagens sublimas, de ironia piedosa e enternecida.

Referiu-se depois o orador à ironia do grande escritor, sempre temperada pela piedade, pela caridade e pela justiça.

A análise implacável da sociedade imperfeita trouxe-lhe ao seu espírito irreligioso a consoladora compensação do sonho, da utopia. O respeito pelo trabalho humano aproxima-o dos proletários.

A questão Dreyfus lançou-o na refrega, ao lado de Zola, de Lazare, de Picquart, de Mirbeau, abandonando constantemente, desde então, a "Cité des livres", pelo ar salubre das reuniões públicas; a sua voz como a de Hugo outrora, transformou-se num eco sonoro dos sofrimentos humanos, aos quatro ventos do espírito.

No entanto, Anatole France nunca se fidiu em qualquer partido.

Disse uma vez Pierre Mille que um escritor muito conhecido se deve conservar inacessível aos ódios e às paixões estritas das facções e dos agrupamentos.

De resto, a sua generosíssima tolerância a isso o levava.

Assim viveu e morreu, respeitado pelos seus mais inteligentes adversários, o homem que mais de uma vez afirmou que a humanidade, lentamente, mas sempre, realiza os sonhos dos poetas, dos sábios e dos filósofos.

O Cooperativismo no estado actual da sociedade

Pelo dr. Andrade Saraiva

Sob este tema, realizou uma conferência, no Grémio Excursionista Civil do Monte, o dr. sr. Andrade Saraiva, da Federação Nacional das Cooperativas.

Começou o conferente por dizer que a humanidade tem actualmente todos os recursos materiais e intelectuais para extinguir a miséria; se o não faz é porque lhe falta o espírito de organização e porque o individualismo ou egoísmo prevalece sobre a solidariedade social.

A sociedade actual vem dumha época de barbarie ainda recente, em que a ignorância, a tirania, a intolerância e a escravidão constituíam as suas bases fundamentais. Já caminhamos bastante no sentido da liberdade e igualdade, mas temos ainda muito a percorrer. Estamos numa época de transição em que perante o descalabro das velhas instituições se torna necessário construir de novo.

E para esta acção reconstitutiva que o Cooperativismo tem o seu papel.

O Cooperativismo conta apenas 80 anos de existência, visto que a primeira cooperativa foi fundada em 1844 por 18 operários de Rochdale (Inglaterra).

O Cooperativismo viveu durante muitos anos ignorado dos economistas e da imprensa. Caminhava silenciosamente como todos os grandes movimentos renovadores. Só em 1879 se realizou o primeiro congresso cooperativista. Em 1892 constituiu-se a Aliança Cooperativista Internacional que imprimiu uma orientação mundial ao Cooperativismo.

Actualmente existem mais de 150.000 cooperativas, com cerca de 40.000.000 de sócios. Só na Rússia existem mais de 30.000 cooperativas com 15.000.000 de sócios. Léine e os comunistas acabaram por considerar o Cooperativismo como a melhor forma de vista contra o capitalismo.

Na Inglaterra contam perto de 5.000.000 de sócios, efectuando 25 milhões de transacções.

Há grandes cidades, como Leeds, em que todos os seus cidadãos estão filiados em cooperativas. A Alemanha e a França contam mais de 3.000.000 de cooperativistas cada uma.

O Japão tem perto de 13.000 cooperativas.

Em Portugal o Cooperativismo como to-

Queixas e reclamações

Um mandado de despejo

Acresça da notícia que ontem publicámos a epigrafe acima, procurou-nos a mulher de António Martins, o inquilino do prédio da rua da Barroca.

Veio referir-nos como se passou a violência de que foi vítima, pondo no seu lugar aquilo que as notícias dalguns matutinos deturparam. Não se tratou dum mandado de despejo pois a acção que contra ela intentou o senhorio, que é o tanoeiro Inocência Reprezo ainda não foi julgada na Boa Hora, tendo as rendas há três anos depositadas nos termos legais na Caixa Geral dos Depósitos. Praticou-se uma violência levada à prática com a cumplicidade dalguns polícias da esquadra do Bairro Alto que lhe bateram à porta intimando-a a abrir, com grande rudeza de palavras e com a ameaça de a arrombar no caso de os não atenderem.

A mulher do inquilino estava deitada com sua filha, uma rapariga de 21 anos que guardava o leito, por doença.

Eis para que serve a polícia! Andar expulsando os inquilinos em subversão cumplice com os caprichos e ganâncias dos senhorios.

E, então, este taberneiro, este Inocência Reprezo que tem a convicção que a um "copinho" não há polícia que resista, quanto mais a dois copinhos... E se o vinho for a descrição! Aqui o Inocência taberneiro está convencido que dum polícia tudo se consegue, mesmo um mandado de despejo...

O inquilino viu os seus haveres na rua. Pois ele nem sequer o prestígio do tanoeiro possuiu.

Beleza burocrática

José António Duarte, pedreiro, foi em Março de 1922 trabalhar para Angola, contratado pela Agência Geral daquela província em Lisboa.

Dez dias depois de ali estar, e por motivo de perseguições que naquela província se fizeram, como então relatámos, foi preso e enviado à Metrópole após 100 dias de prisão.

Aqui, na Agência Geral, exigiram-lhe o pagamento de 250\$000, respeitantes ao adiantamento que lhe fora feito.

Como não lhe tivesse sido pago salário algum, requereu nesse sentido.

A comissão de inquérito vem agora exigir do fiador daquele operário o pagamento daquela quantia.

Pergunta José Duarte: como pode ele pagar o adiantamento se ainda não recebeu um centavo dos seus salários?

As expoliações da polícia

Escreve-nos um condutor de carros manifestando-nos a sua indignação contra a atitude hostil que a polícia da esquadra dos Capelistas assume para com os seus colegas. A área daquela esquadra é uma verdadeira armadilha destinada a expoliar, escandalosamente, os condutores de carros que, ao mais pequeno descuido são multados, invocando-se para tal os mais disparatados pretextos.

Eistro da polícia embarrar com o trabalho e os trabalhadores...

Instrução

No Centro Socialista de Lisboa, rua do Bemfornoso, 150, 1.º, encontra-se aberta todas as noites, das 21 às 23 horas, a matrícula gratuita para ouvintes efectivos das lições do curso de "Cultura Socialista", que funcionará a partir de 20 do corrente, às terças e sextas-feiras. A matrícula é privativa dos sócios do centro.

Tem lugar na quinta-feira próxima a primeira lição do curso livre de História das Religiões, regido pelo dr. Ramada Curto. Continua aberta a inscrição.

A Associação dos Caixeiros abriu as aulas de instrução primária, francês, português e contabilidade comercial, cadeiras estas que são regidas, respectivamente, pelos srs. Augusto José Afonso, Heitor Dias e Ramiro de Moura. Nas aulas estão matriculados cerca de cem alunos e a inscrição que é feita mediante a quantia de 5\$00, cada matrícula, fechar-se-á no dia 30 do corrente. Tam útil iniciativa da prestimosa Associação tem elevado consideravelmente o número de sócios.

OS QUE MORREM

Júlio José Fernandes

Realizou-se ontem o funeral do camarada Júlio José Fernandes, ferroviário, chefe da estação do Seixal e que na comissão executiva da Federação Ferroviária exercia cargo de secretário-geral.

O funeral saiu da estação do Terreiro do Paço, pelas 15,30, para o cemitério oriental.

No cemitério, usaram da palavra Miguel Correia pelo Sindicato dos Ferroviários do S. S. que enalteceu as qualidades do extinto e o seu muito amor à classe operária, pela qual sempre esteve disposto a todos os sacrifícios; apela para que todos saibam respeitar o exemplo altamente moral de Júlio José Fernandes.

António J. Piloto pela comissão pró-casa dos ferroviários, presta também homenagem às belas qualidades morais do morto, desejando que sirvam de exemplo e cita a coincidência de, neste mesmo dia, se ter dado o descarrilamento de Aljustrel, cujos culpados ainda se não descobriram.

Seguem-se José Fernandes Tomás em seu nome e Mário Castelhamo pela comissão executiva da Federação Ferroviária, que lamenta a perda sofrida pela Federação com a morte de Júlio J. Fernandes.

João de Barros, pela delegação de Beja, presta também a homenagem ao militante falecido.

Alfredo Pinto, pela delegação de Lisboa, lamenta a deficiência dos serviços médicos nos Caminhos de Ferro que cre terem contribuído para o desaparecimento do camarada Fernandes.

O acompanhamento era numeroso, vindo-se algum pessoal superior dos Caminhos de Ferro do S. S. O corpo ficou depositado em jazigo de família.

TEATRO APOLO HOJE

GRANDIOSO SUCESSO DA PEÇA MILITAR

UMA CAUSA CÉLEBRE

do o movimento social está atarazada, mas isso não significa que a ideia cooperativista esteja em crise: o que está em crise é a sociedade portuguesa, pelo seu excesso de egoísmo e falta de solidariedade.

O Cooperativismo encerra em si todos os elementos renovadores constitutivos da sociedade futura; por que opõe ao individualismo a solidariedade; ao privilégio a igualdade; ao negativismo o espírito de organização.

O Cooperativismo representa o elemento construtivo da sociedade nova.

A conferência de amanhã será feita pelo dr. sr. Carneiro de Monra. A entrada é pública.

O PROTESTO DOS ALUNOS DAS ESCOLAS COMERCIAIS

Reuniu ontem a comissão dirigente do movimento de protesto levado a cabo pelos alunos da Escola Comercial Ferreira Borges contra a nomeação para aquele estabelecimento de ensino, do sr. José Elias Garcia.

A comissão deliberou saudar os alunos da Escola Comercial de Veiga Beirão pela solidariedade prestada ao movimento e protestar contra as agressões praticadas pela polícia contra os alunos das duas escolas.

Foi também resolvido que os alunos da Escola Ferreira Borges mantenham o seu protesto, não comparecendo nas aulas de inglês regidas pelo sr. Elias Garcia.

—A junta dos delegados da Liga de Instrução e Educação da Escola Industrial de Fonseca Benevides, na sua reunião de ontem resolveu dar todo o apoio moral e material aos seus colegas da Escola Ferreira Borges.

Cédula pessoal

Apesar de ser público e notório que a cédula pessoal morreu em estado de aspiração, várias pessoas bastante públicas e notórias, tem-se dedicado, por vários pontos da província, a ludibriar os incautos. No Entroncamento e noutras terras do concelho de Torres Novas há quem venda cédulas pessoais a vários preços. Previnimos aqui os que residem nessa região a acatela-rem-se com esses negociantes do que não existe, visto que está definitivamente enterrada a cédula pessoal...

O "bom" industrial

Em 22 de Novembro de 1922 deu-se numa pedreira da aldeia de Macieira, concelho de Montelavar, um desastre de que resultaram feridos os cabouqueiros Manuel Narciso e António Martins.

Este último veio a falecer do desastre, deixando na miséria sua mulher e uma criança de tenra idade. O industrial António Cipriano não tinha os operários seguros em nenhuma mutualidade, motivo por que lhe cabia satisfazer todos os encargos; cabia mas não satisfaz nenhum, tendo até a viúva que pagar o enterro do operário. Ainda o aludido Cipriano pretende esbulhar a viúva oferecendo-lhe 500 escudos para ela se calar. Porém a viúva recusou a "generosa" oferta recorrendo para o Tribunal de Acidentes de Trabalho. O industrial António Cipriano já foi chamado a depor, negando descaradamente que o operário fosse vítima do desastre.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE—às 21 horas (9 da noite)—HOJE

Surpreendente e excepcional programa da

Grande Companhia de Circo

O melhor, mais variado e mais barato espectáculo de Lisboa

AMANHÃ—Grande matiné elegante

Nos intervalos virão à pista, para as crianças,

6—LINDOS CAVALOS—6

BILHETES À VENDA

Grupo de Cultivadores de Fado Solidariedade Operária

Realizou-se ontem, numa das salas do Sindicato Único da Construção Civil, uma reunião de amigos do fado para a constituição deste grupo. Depois de fazerem uso da palavra vários camaradas e da leitura do regulamento, foi resolvido fazer-se a mais intensa propaganda para que todos os cantadores e tocadores dispersos ingressem neste grupo, que se propõe colaborar em festas promovidas pela organização e marcando-se desde já uma assembleia para um dos dias da próxima semana para se tratar da festa da sua estreia em favor do jornal A Batalha.

Toda a correspondência deve ser enviada para Mamel Soares, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, Lisboa.

Menor desaparecido

No dia 31 de outubro último desapareceu da casa de seus pais o menor de 13 anos, Ernesto Rebelo.

Pede-se a quem souber do seu paradeiro que o indique ao pai, que é um operário fabricante de calçado residente em Vizeu, no Bairro de S. Martinho, páteo Seixas. O referido menor, quando se evadiu, vestia um fato azul.

TEATRO DE SÃO CARLO
HOJE a reatualizada comédia
O LEQUE
Enchentes colossais todas as noites
Terça-feira, 18
representação da peça francesa em 3 actos, de estilo
MADEMOISELLE PASCAL
participando: Lucília Simões

Teatros e cinemas

O monopólio da arte dramática?

Protestando contra um decreto

Meu querido camarada:—Interessando-me o teatro sob o ponto de vista artístico e como função educativa e civilizadora do povo, justificada fica esta carta cuja publicidade solicito.

Noticiaram os jornais que o sr. ministro da Instrução Pública determinou, em portaria, «que só a partir de 1 de janeiro de 1925 se torna obrigatória a apresentação de documentos de licença de artistas dramáticos, conforme o decreto 9764». Ora este decreto tem a seguinte espantosa elucidação:

«Considerando que a representação da Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro, que é também subscrita por artistas que nessa agremiação não estão inscritos, transmitida à Direcção Geral de Belas Artes pela Escola de Arte de Representar e Artes pela Escola de Arte de Representar e Artes, tem por objectivo «promover a selecção e dignificação da classe dos artistas dramáticos portugueses e o levantamento da arte dramática nacional» determina o governo: «Art. 1.º Os artistas dramáticos portugueses e todos os congéneres estrangeiros que exerçam a sua profissão em Portugal são obrigados a possuir um documento de licença passado pela Inspeção Geral dos Teatros, sem a apresentação do qual nenhuma autoridade poderá visar cartazes ou autorizar espectáculos em que esses artistas figurem.»

E' inaceitável que uma colectividade cujos componentes da direcção são pessoas inteligentes, tivesse a ideia de monopolizar a Arte. Não, não pode ser. Se o brinhalhão e engraçado actor Cesar de Lima fosse vivo, diríamos ter feito esta partida aos seus colegas, sempre tam desinteressados pelas questões profissionais. Mas não. Ha de facto uma representação do sindicato dos artistas.

Diz o entroito do decreto, que este tende «a promover a selecção e dignificação da classe». Adorável intenção, mas esquecem as modestas e plebeias origens artísticas de António Pedro, Teodorico, Taborda e tantos outros.

Adorável intenção pugnar pelo levantamento da arte dramática. Mas... se é necessário para tal fim, licença para representar, logicamente outro decreto surgirá exigindo licença para scenografar, para pintar, para esculpir, para escrever! Então para levantar a arte, coarctase a sua expansão?! Não, senhores legisladores, para o levantamento da arte scenica, é precisa absoluta liberdade. «O levantamento da arte dramática nacional está em substituir o teatro immoral e sem objectividade que se exhibe, pelo teatro educador, ou seja com peças desenvolvendo teses sociais.

«O levantamento da arte dramática nacional está na representação de peças onde a estética acompanhe a ideia filosófica ou científica. Não é com a exibição de revistas, nem de lanchetes amorosas que a arte dramática se levanta.

Na execução do decreto tem qualquer coisa de cômico: Como não proíbe a exibição no território da república, mas sim em Portugal, os novos artistas devem debutar nos Açores ou em Africa.

São excluídos da obrigatoriedade de licença os professores da Escola da Arte de Representar.

Determina o art. 3.º que de futuro «nenhum documento de licença será passado pela Inspeção Geral dos Teatros sem que pelo artista seja apresentado o diploma da Escola da Arte de Representar».

Jámais os teatrinhos de amadores serão estágio para futuros artistas. Jámais gente pobre com vocação e habilidade pode ser actor. São os discípulos da Escola oficial da Arte de Representar, os únicos, os privilegiados. Essa escola, em cujas provas anuais dos seus alunos é evidenciado o seu alto artistico! Exibem Gil Vicente, como teatro antigo e qualquer pécinha amorosa de Julio Dantas, como teatro moderno. Essa escola oficial de arte scenica não corresponde à evolução social do teatro.

Enfim, a escola oficial de arte de representar não contribui para o levantamento da arte dramática. «A selecção e dignificação dos artistas» é única e exclusivamente o bra do seu próprio mérito artistico. Não se legisla dignificações nem méritos.

Escritores, pintores, scenografos e artistas dramáticos, dignificai-vos como profissionais exigindo a revogação do decreto 9764, e tereis contribuído para o levantamento do teatro, precioso factor da civilização do povo.—De v. etc., etc., A. Neves.

NO SÃO LUÍS

A bailarina belga Felyne Verbiest é uma bailarina interessante em que o desenho da expressão musical poisa num ritmo leve de modo a tornar-se curvilíneo na atitude reflexiva do tonalismo sentimental.

Felyne Verbiest é principalmente interessante quando menos dança ou antes quando contorna em estilizações delicadas o sentido da musica, que interpreta. Se eu quizesse fazer confrontos não a tomaria como a «maior» que tem estado entre nós. Mas, confrontar artisticamente neste momento de susceptibilidades teatrais, seria deitar mais uma «pátria» na fogueira um tanto crepitante do patriotismo português.

A bailarina que está no palco do São Luís é, antes de tudo, uma delicada porcelana de Sévres antigo, com todo o colorido do seu rosto fino, com todo o subtil movimento do seu corpo de natare a torcer-se em angustia, ou a palpitar de vivacidade.

O friso de dança que ela ontem fez correr diante dos nossos olhos e dos nossos sentidos, tem de tudo, bulício na valsa e polka de «Millions d'Arlequin» suspiro, vibração de vida na «Morte do Cisne» de Saint-Saëns, ancia, estertor de desejo na curiosa «Danse de la soif» de Dupont, presença senhorial no minueto de Paderewski, orientalismo volúpico na «Danse Hindu» de Deliper, e raça no passo doble espanhol.

A rubrica os seus movimentos alguns scenários duma arrojada propriedade, e um pouco à colt da exibição de números que, a orquestra sob a regencia de Pedro Blanch, executou com afinado gozo.

NOGUEIRA DE BRITO

Notícias

E' depois de amanhã, como já se disse, que no Politama se realiza a 1.ª representação da peça em 3 actos de Olive e Lafuente E' preciso viver! com a qual se inicia o ciclo das peças novas.

—Os espectáculos realizados durante es-

Ainda a tragédia de Silves

Para as vítimas do fuzilamento de Silves, recebeu o Sindicato dos Corticeiros daquela localidade, além das importâncias enviadas pela respectiva Federação, as seguintes quantias:

Quetes em Portimão, por António Franco, 752\$70; António Simão, em Silves, 43\$00; José da Silva, 20\$00; João do Nascimento, em Portimão, 97\$00; Sindicato Metalúrgico de Vila Real de Santo António, 71\$00; M. P., ferroviário, 100\$00; Sindicato dos Soldadores de Lagos, 116\$00; quete em Portimão, 10\$00; Empregados no Comércio de Silves, 100\$00; Joaquim da Silva Carneiro, de Monchique, 302\$40; quete por Manuel Greda, em Lagoa, 107\$50; da União dos Sindicatos de Faro, 61\$00; Corticeiros e Construção Civil de Messines, 134\$00; Ferroviários da Estação de Silves, 45\$50; José Rodrigues, de Monchique, 2\$50; Um anónimo, 10\$00; Alfredo José Ramos, da Fuzeta, 5\$00; quete em Portimão, por Vítor Manuel, 45\$30; Corticeiros de Vendas Novas, 80\$00; Corticeiros de Monchique, 61\$50; Manuel Bernardino, residente em Lourenço Marques, 50\$00; António José Piloto, 5\$00; Augusto Carsarinho, 4\$20; Corticeiros de Silves, 2.645\$05.

Factos diversos

O relógio rifado em benefício da propaganda sindical de Coimbra coube ao n.º 9572, pela loteria de 6 de Novembro corrente. O referido relógio será entregue por: António Ferreira, rua da Moeda, 48-2.º, Coimbra.

* Em sessão do Senado de 7 do corrente, foi resolvido que os funcionários municipais fossem concedido as subvenções conforme o requerido pelo Grémio dos Funcionários do Município de Lisboa, em conformidade com a lei 1668.

* Reapareceu ontem o diário da tarde O Radical, sob a direcção politica de Eugénio Battaglia, tendo como redactor principal Mário Bonança e como secretario da redacção o tenente Sousa Azevedo.

RHEUMA **TOSSES**
Xarope Peitoral **Trípe**
Bronquites
Constipações
Instituto Pasteur de Lisboa — R. N. Almeida, 69

Agremiações várias

Associação dos Inquilinos de Lisboa.—Em reunião de direcção foram tratados vários conflitos entre inquilinos e senhorios, resolvidos uns e outros em vias de solução.

Lembra aos sócios que ainda não enviaram fotografias para os cartões de identidade, que sem eles não podem ser atendidos.

Mais um artistico selo de propaganda
araba de sair com a remodelação de A BATALHA
CARTA COM 100 SELOS
UM ESCUDO

Policia que «suicida» um colega involuntariamente

Ontem pelas 18 horas, encontravam-se na 7.ª esquadra policial no Pátio de D. Fradique, vários guardas civis quando um deles se lembrou de examinar a pistola, mas com tanta infelicidade o fez que a arma disparou-se, indo o projectil atingir no pescoço o seu colega 1424, António Mendes Madeira, que imediatamente foi conduzido ao hospital de São José, recolhido à Sala de Observações, depois de devidamente pensado no Banco.

PARA PASSAR UMA NOITE
ALEGREGENTE
BASTA IR AO
EDEN TEATRO
(TELEF. N. 3800)
VER A DESLUMBRANTE
E GRACIOSÍSSIMA MÁGICA
O BOLO REI

TEATRO NACIONAL
TELEFONE N. 3049

HOJE
E EM
Récita da Mod'a
O ADMIRAVEL ESPECTACULO
A TRAGÉDIA HISTÓRICA
REGENTE

te ano, no Coliseu dos Recreios, em favor de varias casas de assistência, incluindo o último da organização do sr. governador civil, renderam a importância líquida de 384.312\$50.

Réclames

A empresa de São Carlos já mandou pintar os scenários que enquadram a nova peça francesa «M.elle Pascal» de Piechaud que Lucília Simões está ensaiando e que muito brevemente subirá a scena.

—Hoje realiza-se no Nacional com o belo drama «Regente» a segunda récita da moda.

—Amanhã realiza-se no Coliseu dos Re-

Ultimas notícias

CONTINUA EM GREVE O PESSOAL DA COMPANHIA DOS TELEFONES

Prosegue a greve do pessoal dos telefones. A comissão de démarches tentou falar com o sr. Karr, director do Comité de Londres, e com o sr. Pope, gerente em Lisboa, recusando-se ambos a recebê-la.

Esta atitude mais irritou a classe que se mantém firme.

A comissão resolveu procurar o governador civil que a recebeu amavelmente, prometendo-lhe avisar-se hoje com o sr. Rodrigues Peixoto, delegado português no comité de Londres.

A assembleia dos grevistas que foi grandiosa resolveu não retomar o trabalho e aguardar o resultado das démarches que o governador civil vai encetar.

Os directores ingleses pretendem que o pessoal volte ao trabalho, sem condições, o que foi repudiado pela classe.

Foi distribuído um manifesto do pessoal citando as poderosas razões que o conduzirão à greve.

A classe reúne hoje, pelas 10 horas.

Acabou a greve dos ferroviários austríacos

VIENA, 11.—Terminou a greve dos ferroviários, que devem retomar o trabalho à meia noite.—L.

NO BRASIL

1.500 soldados revoltosos

A BATALHA



EM TOMAR

O III Congresso da Indústria de Calçado, Couros e Peles tem decorrido serenamente

Foi resolvido, por unanimidade, enviar uma saudação à Internacional de Berlim

TOMAR, 9.—A cidade do Nabão apresenta-se tristonha, com uma atmosfera carregada de chuva—o que não impede que os delegados ao Congresso nacional dos operários do Calçado, Couros e Peles tenham entre si, como se todos fossem já velhos amigos, uma sentida cordialidade fraternal nas vivas conversações que precedem a abertura da magna assembleia.

O Congresso realiza-se na sala ampla da velha Federação das Associações de Classe. São 13 e meia horas quando Artur Aleixo de Oliveira, secretário geral da Federação dos Operários do Calçado, Couros e Peles, tendo como secretários Jerónimo de Sousa e Fernando Rodrigues, da Comissão Organizadora do Congresso, dá por aberto o Congresso, explicando os motivos determinantes da realização do mesmo.

Jerónimo de Sousa procede em seguida à chamada dos delegados que representam no Congresso os sindicatos aderentes.

São os seguintes: Mário Rebelo, pela Associação dos Manufatores de Calçado de Viseu; Rozendo José Viana, pela Associação de Lisboa; Júlio de Campos, Amílcar Pereira Dias e Felisberto Baptista, pelo S. U. do Calçado, Couros e Peles do Porto; Joaquim Braz, pela Associação dos Sapateiros de Faro; Serafim Lopes, pela Associação dos Fabricantes de Calçado de Penafiel; Artur A. de Oliveira, pela Associação dos Sapateiros de Beja; Domingos Ferreira Alves, pela Associação dos Fabricantes de Calçado de Lamego; João Manuel Gonçalves, pela Associação dos Manufatores de Calçado de Évora; Jerónimo de Sousa, pela Associação dos Manufatores de Calçado de Portimão; Agostinho de Carvalho, pela Associação dos Fabricantes de Calçado de Tomar; Fernando Rodrigues, pela Associação dos Manufatores de Calçado de Lagos e António de Oliveira Quico, pela Associação dos Manufatores de Calçado de Tavira.

Aderiram também ao Congresso os S. U. dos Operários do Calçado, Couros e Peles de Braga e de Guimarães; Associações dos Manufatores de Calçado de São Tiago de Cacém, de Montemor-o-Novo, cujos delegados ainda se esperados. As Associações dos Sapateiros e Tamequeiros da Póvoa de Varzim, dos Manufatores de Calçado de Abrantes, Núcleo Federal da Guarda e Manufatores de Calçado de Elvas enviaram a sua adesão moral ao Congresso.

A Federação de Indústria, os Comités Federais do Sul e do Norte e a C. G. T. estão também representados.

Depois da chamada foi nomeada a comissão revisora de mandatos, que reatou nos congressistas Felisberto Baptista, Rozendo J. Viana e Domingos Ferreira Alves, depois de que foi a sessão suspensa.

A 1.ª sessão

Resolve-se incluir, na ordem dos trabalhos, a questão internacional

Reaberta a sessão, uma hora depois Rozendo Viana, pela Comissão Revisora de Mandatos, procede à leitura do respectivo parecer, no qual se constata haver 12 representações directas e 4 indirectas.

Felisberto Baptista informa das razões porque não se fez representar o S. U. de Braga, fazendo salientar a sua mágoa por esta falta, visto a mesma ser originada apenas em lamentáveis desinteligências entre os seus militantes, depois de aquele sindicato ter deliberado fazer-se representar.

Rozendo Viana defende a ideia, exposta no parecer, para que o S. U. de Guimarães fosse considerado aderente, apesar de não ter pago a respectiva cota, facto que sucede em virtude do último movimento realizado naquela cidade contra a tentativa de redução dos salários, sendo o parecer aprovado.

Entra em discussão seguidamente o regulamento do Congresso, apresentando Rozendo Viana a seguinte moção: «O Congresso da Indústria de Calçado, Couros e Peles entendendo que a posição internacional é um dos assuntos importantes que deve ser debatido, resolve incluir na ordem dos trabalhos, sem protelação das teses a discutir.»

Sobre a moção falam Felisberto Baptista e Jerónimo de Sousa manifestando a sua concordância, sendo aprovado que aquela questão seja debatida na 4.ª sessão. O restante do regulamento foi aprovado.

Fim da sessão preparatória, segue-se-lhe a sessão inaugural, sob a presidência do representante da C. G. T., secretariado por Amílcar Pereira Dias, do Porto, e João M. Gonçalves, de Évora.

O presidente saúda o Congresso em nome da C. G. T. e depois de lamentar a ausência do proletariado de Tomar no Congresso, incluindo o componente da indústria cujos organismos sindicais estão reunidos, manifesta o seu desejo de que do Congresso saiam trabalhos práticos e mais ainda que os organismos agora reunidos lhes deem realização.

Não expediente é lido o seguinte telegrama: «Os Corticeiros de Évora reunidos em assembleia saúdam o Congresso, desejando que do mesmo saiam trabalhos práticos a bem da organização operária.—Rochinha.» Mário Rebelo, de Viseu leu ao Congresso o seguinte documento:

«Escolhido pelos meus camaradas de Viseu para seu representante nesta magna reunião, eu quero, em primeiro lugar, dirigir a todos os congressistas as minhas saudações sinceras, e juntar, aos votos aqui já expressos, o meu grande desejo de que deste congresso saia uma obra valiosa e de vasto alcance para o futuro da nossa classe e da organização em geral. Demais saibam todos os congressistas as necessidades imperiosas que urge remediar, ou por termo. Mas não será ousadia da minha parte acentuar que os manufatores de calçado da província necessitam de mais alguma coisa que os camaradas dos grandes centros. Os manufatores de calçado da província precisam, sobretudo, duma larga propaganda para bem enfrentarem os magnos problemas que a todos interessam.

E até à data, pelo que respeita a Viseu,

fomos forçados a servir-nos da prata da casa, que bem pouca é, infelizmente. Não são de recriminação as minhas palavras. Pretendo apenas apontar um mal, que os meus caros camaradas procuram decerto, e duma forma acertada, remediar. Identificado com a maioria das conclusões das teses apresentadas a este congresso, que representam dum modo geral, as aspirações mais instantes dos manufatores de calçado do país; eu sinto-me à vontade para afirmar francamente a convicção em que me encontro, de que desta grande reunião vão resultar óptimos benefícios para a organização da classe.»

Júlio de Campos apresenta uma saudação à A. Batalha. Aprovado.

Uma saudação à Revolução Russa

Felisberto Baptista, do Porto, apresenta a seguinte moção: «O Congresso dos Operários da Indústria de Calçado, Couros e Peles ao iniciar os seus trabalhos resolve saúdar o povo da Rússia que levou a efeito a Revolução emancipadora daquele país iniciado em 1917, lamentando ao mesmo tempo que os objectivos da mesma revolução fôsem menosprezados pelos homens que se guindaram ao poder.»

O delegado de Évora, João Gonçalves, apresenta uma moção com as seguintes conclusões:

«Proporho, para que o congresso envie ao governo uma reclamação para que sejam postos em liberdade todos os presos por questões sociais, protestando desde já contra a forma desumana como são tratados nas prisões, manifestando ao governo o seu desejo para que cessem todas as perseguições que são ainda exercidas sobre operários só porque estão em liberdade.»

Rozendo José Viana apresenta a seguinte saudação:

«O 3.º Congresso dos Operários da Indústria de Calçado, Couros e Peles, ao iniciar os seus trabalhos saúda a C. G. T., fazendo votos para que desenvolva uma acção tendente à organização dos trabalhadores da região portuguesa, e que por seu intermédio envie à Associação Internacional dos Trabalhadores as mais efusivas provas de solidariedade na luta contra o patronato e o Estado, vinculando sempre e através de tudo, características sindicais revolucionárias.»

Na ordem dos trabalhos são apreciados diferentes relatórios. A. A. de Oliveira lê o relatório moral da Federação, que frisa a circunstância desta não ter realizado mais trabalhos por a cota ser deficitária, sendo, por isso, necessário elevá-la.

Júlio de Campos discorda do aumento de cota, não porque o não julgue necessário, mas porque o considera impraticável no momento de crise que se atravessa e numa só classe.

Jerónimo de Sousa requer que o número do relatório da comissão administrativa que trata do aumento de cota fique para ser discutido depois da leitura do relatório financeiro da Federação e do «Labor Proletário».

Rozendo Viana (S. de Lisboa) apresenta a seguinte questão prévia:

«Considerando que os vários relatórios a apresentar a este Congresso mais ou menos se prendem com o relatório moral e financeiro da Federação, sendo necessário aproveitar o máximo do tempo possível; o Congresso resolve: 1.º Que sejam lidos e enviados para a mesa todos os relatórios dos Comités do Norte e do Sul, assim como das missões de propaganda e «Labor Proletário»; 2.º que a discussão depois seja feita em globo, salvaguardando a discussão do aumento da cota.»

Aprecia-se o aumento da cota federal

Aprovada a questão prévia, são lidos o relatório financeiro da Federação, o relatório moral e financeiro do «Labor Proletário», os relatórios morais e financeiros dos Comités federais do Norte e do Sul e das missões de propaganda e organização ao Sul e às Beiras, sendo todos aprovados.

Inicia-se em seguida a discussão sobre o aumento da cota federal, usando da palavra quasi todos os delegados, sendo por fim aprovada a seguinte moção de Rozendo J. Viana:

«O Congresso da Indústria de Calçado, Couros e Peles apreciando a questão do aumento da cota federal e na impossibilidade de poder desde já aprovar o seu aumento, resolve: 1.º Estabelecer desde já o princípio da necessidade do aumento da cota federal; 2.º Que a Federação, após o Congresso, envie nesse sentido uma circular a todos os Sindicatos aderentes, para que no mais curto espaço de tempo se manifestem sobre esta questão.»

Jerónimo de Sousa justifica e envia para a mesa a seguinte moção, que foi aprovada:

«Considerando que o «Labor Proletário» não pode manter a sua publicação com o pagamento de 500; e considerando que os Sindicatos não podem neste momento aumentar a percentagem para o «Labor Proletário» o Congresso resolve: Que os Sindicatos fiquem desde já com o encargo de angariar receita para que o jornal seja distribuído grátis aos sindicalistas.»

Jerónimo de Sousa, apresenta ainda a seguinte moção, que é aprovada:

«Considerando que as missões de propaganda em delegacias permanentes postas em prática pela Federação resultam benéficas, tanto para a organização das massas como pela economia que representam em dinheiro; considerando que está reconhecida a necessidade da propaganda em toda a província, o Congresso resolve: Que a Federação sempre que possa, envie para a província delegacias permanentes nas condições das últimas que foram ao Sul.»

Artur Aleixo de Oliveira, Jerónimo de

Sousa e Fernando Rodrigues, depois de ser chamada a atenção do Congresso para o facto de em Extremoz haver um sindicato no seio do qual existe uma divergência sobre a adesão à Federação, defendem o critério de que o núcleo discordante da maioria possa federar-se com a expressa condição de não abandonar o respectivo sindicato.

O delegado da C. G. T. intervém para frisar que a circunstância de se permitir o uso de cadernetas e selos confederais por um núcleo já organizado importa uma nova administração, e independentemente da existência, o que representa um desdobramento.

Chama, pois, a atenção do Congresso para ponderar este facto e tomar decisões inerentes com a prática de resoluções não revogadas pela organização geral.

Júlio de Campos discorda da opinião dos primeiros oradores, entendendo ser preferível que os camaradas de Extremoz que pugnam pela federação do sindicato continuem sacrificando-se até que consigam o seu objectivo contra a inconsciência duma maioria caprichosa.

Felisberto Baptista defende o mesmo critério terminando por apresentar a seguinte moção:

«O congresso apreciando a inconveniência que traria para a estrutura da organização o aceitar-se o critério de admitir núcleos federados nas localidades onde existem sindicatos constituídos não aderentes à Federação, resolve não aceitar tal critério, aconselhando os grupos em tais condições a persistirem na propaganda tendente a conseguirem o ingresso dos seus sindicatos nos organismos centrais.»

Vários delegados pronunciam-se ainda sobre a questão, sendo por fim aprovada a moção, rejeitando apenas um delegado.

Foram ainda aprovados um voto de sentimento pelo falecimento de Francisco Bento da Cruz e um voto de luto à Comissão Organizadora do Congresso, depois do que se encerrou a sessão, eram 19 horas, aos vivos à C. G. T., à Batalha e à A. I. T.

A 3.ª sessão

Aprecia-se a crise de trabalho

A 3.ª sessão, que abre às 20 e meia horas preside Serafim Lopes, de Penafiel; Rozendo J. Viana, de Lisboa, e Agostinho de Carvalho, de Tomar.

Antes da ordem dos trabalhos, Felisberto Baptista propõe que entre em discussão desde já a crise de trabalho.

Joaquim Braz, de Faro, apresenta uma moção em cujas conclusões se preconiza a efectivação da tese aprovada em Coimbra para a unificação dos salários, a execução das conclusões respeitantes à introdução da mecânica na indústria para que com a acção da Federação respectiva, se procure obter a que se evite a concorrência do calçado de importação, cuja mão de obra é paga por menor preço, procurando obter a que guardas republicanas e fiscais, marinheiros, polícias, etc., manufaturem calçado em detrimento dos profissionais que não vivem de outros recursos senão o trabalho da indústria.

Rozendo J. Viana, que afirma ser a crise obra dos próprios industriais, propõe a nomeação duma comissão de 3 membros encarregada de estudar a questão e apresentar um parecer sobre a mesma numa das próximas sessões.

A. Aleixo de Oliveira espalha-se em longas considerações de ordem económica e financeira para explicar as origens da crise, terminando por concordar com a nomeação da Comissão proposta por Rozendo Viana.

Jerónimo de Sousa diz que, se bem que Aleixo tivesse tratado da questão sob aquele aspecto, entende que ela deverá ser debatida por todos para que cada um emita as suas opiniões a fim de habilitar a comissão que deverá estudar a questão, ficar bem elucidada sobre o que cada um, exprimindo o desejo dos organismos que representa, pensa.

Fernando Rodrigues cita varios casos passados em oficinas pelos quais se verifica a crise em propósito dos próprios industriais.

Na mesma ordem de ideias se pronuncia Rozendo e Amílcar Pereira Dias que, corroborando o que já havia dito Felisberto Baptista, afirma que a classe no Porto, sofrendo já os horrores da miséria, prefere o sacrifício da fome e até o da indigência a manufaturar obra por preços inferiores, como já tem pretendido vários industriais.

Júlio de Campos e Mário Rebelo espalham-se em largas considerações sobre a questão, depois do que é nomeada, para sobre a mesma dar parecer, a seguinte comissão: Felisberto Baptista, Rozendo J. Viana e A. A. de Oliveira.

A mecânica na indústria do calçado

Entra-se depois na ordem dos trabalhos, procedendo Jerónimo de Sousa à leitura da tese «A mecânica na indústria de calçado».

Felisberto Baptista declara que esta é uma das questões mais ingratas para resolver, pois tendo sido apresentada sob diferentes aspectos as conclusões a que se é forçado a chegar são quasi sempre as mesmas. Já em 1913 se constata que a mecânica na indústria constituía um factor de crises. Entretanto, se é certo que naquela data o calçado mecânico ficava mais barato, agora verifica-se o contrário, visto que o calçado mecânico fica mais caro. Este facto evitou a intensificação da mecânica na indústria.

Nesta ordem de ideias cita vários factos sucedidos em fábricas do Porto, especialmente a «Atlas», cujo calçado é vendido mais caro do que o manual. Este facto contribui para que a crise não tenha sido cerrada, já, porque lhes faltava o capital moeda para atender a exigências dos próprios acionistas e foi a necessidade de realizar capital-dinheiro que levou as fábricas a apresentar no mercado calçado por preços baixos. Estas circunstâncias não obstam à concorrência do calçado mecânico, que, de mais a mais é fabricado, em grande parte,

Crise de trabalho e baixa de salários

Operários da indústria têxtil

Para tratar da crise de trabalho reuniram os corpos administrativos do Sindicato União Têxtil, que apreciaram uma nota da Federação das Cooperativas na qual se pretende pedir ao governo a entrada livre de tecidos estrangeiros a fim de concorrer para o barateamento desses artigos.

Constatou-se nessa reunião que os operários da indústria há mais de um ano estão reduzidos a quatro dias de trabalho por semana, passando agora a três, prevendo-se ainda o encerramento de algumas fábricas, afirmando os industriais não se poder ter em laboração por falta de dinheiro. Nestas condições entende-se que a Federação das Cooperativas em vez de formular o pedido exposto, devia antes reclamar a mobilização das fábricas ou outras medidas para evitar a grande miséria que já lava entre os milhares dos trabalhadores têxteis.

Para tratar deste e outros assuntos respeitantes à crise de trabalho, reúne hoje a assembleia geral da classe.

Sindicato Unico da Construção Civil

Reuniu o Conselho Administrativo em conjunto com a Comissão Executiva do Conselho de Secções, que, depois de ter apreciado as demarches encetadas pela Comissão de Negociações junto de vários ministros para a abertura das obras do Estado, resolveu continuar a inscrição de operários sem trabalho, para o que se encontra na Central dos Sindicatos, calçada do Combro, 38-A, 2.º, das 9 às 11 horas da manhã, um delegado da referida Comissão. A inscrição só se fará mediante a apresentação da caderneta sindical.

Construção Civil de Parede e arredores

A assembleia magna dos operários da construção civil de Parede e arredores deliberou não se conformar com a baixa de salários, e efectivar no próximo domingo uma nova reunião magna para a qual convidam a fazerem-se representar os sindicatos de Oeiras, Cascaes e Tires, e a Federação da Construção Civil, C. G. T. e Federação das Juventudes Sindicatas.

por operários não profissionais que se sujeitam a salários baixos, sendo sua opinião que os operários manuais se devem recusar a concertar o calçado mecânico, devem entrar e nas fábricas os profissionais mais hábeis, devendo-se, por outro lado, apontar aos consumidores os defeitos técnicos do calçado mecânico—isto em defesa dos próprios consumidores.

Jerónimo de Sousa, relator, diz ter Felisberto Baptista, quando afirma que as fábricas têm prejuízo, apontando vários factos pelos quais se demonstra o erro de Felisberto. A própria «Elite», pagando aos seus operários dois dias de trabalho, estando a fábrica encerrada, é porque teve lucros para o, fazer ou espera vir a realizá-los. Diz ainda que a maneira como Baptista põe a questão parece ter querido defender o preço alto do calçado em prejuízo dos consumidores e até é de opinião que se deve contribuir para que o preço do calçado seja reduzido em benefício do consumidor sem prejuízo dos operários.

Defende, pois, o critério de que as fábricas trabalhem mas com um horário pelo qual todos os operários possam trabalhar.

Rozendo não concorda com a opinião de Felisberto sobre o concertar ou não o calçado mecânico. Entende que é preciso uma defesa, mas não aquela. Diz ser necessário que as mulheres não concorram para a chomage dos homens, isto quando o que é necessário é que a mulher não se retire do lar. Concorda com as conclusões da tese, reforçadas pelos argumentos do relator.

Artur A. Oliveira entende, fundamentando os desejos dos proprietários da «Elite», pois estes dizem prescindir de profissionais manuais e darem-se melhor com os não profissionais e preferindo até menores. Este interesse não é o da classe que deu anos ao ofício e por isso continua a concordar com o que os profissionais da manufatura ingressem nas fábricas. Discorda, entretanto, de que se não concerte o calçado mecânico, pois se iria prejudicar o pessoal das fábricas agora também profissional e em grande parte organizado. O que se deve evitar novos adventícios não profissionais na mecânica e a entrada de mulheres e menores.

Amílcar Pereira Dias diz que não é preciso guerrear o calçado mecânico, pois está convencido que quem comprar o primeiro par não compra o segundo, pois se tem verificado que o calçado mecânico se deprecia por si próprio, pelo menos enquanto não forem aperfeiçoadas as máquinas.

Felisberto diz congratular-se com o facto de se ter pronunciado por forma a determinar uma discussão larga e proveitosa. Responde a várias objecções de delegados que opuseram razões as que emitiu, dizendo que opiniões de ordem ideológica, tendo a mesma praticabilidade, não são hoje aplicáveis. Com a aprovação pura e simples da tese continuaremos na situação em que a indústria e a classe se encontram presentemente.

Júlio de Campos e Jerónimo de Sousa bordam ainda algumas considerações sobre as conclusões discutidas na especialidade e já publicadas em A. Batalha.

A primeira conclusão foi aprovada. Sobre a segunda falam Fernando Rodrigues, que defende a introdução da mulher na indústria porque a isso é obrigada pelas condições económicas da sociedade burguesa, e, em contrário, propõe que a mulher seja pago salário igual ao do homem. Rozendo, ao contrário, defende a não introdução da mulher na indústria, criada para o lar e quasi sempre abandonada e explorada pelo homem.

Jerónimo de Sousa, relator, propõe, atendendo a razões expostas, um adiamento à segunda conclusão, a qual ficou assim redigido: «Que o desenvolvimento da maquinaria trará como consequência imediata a paralização de braços, o que é impossível evitar, a Federação deverá desenvolver uma forte acção tendente a evitar que sejam empregados na mecânica os não profissionais, as crianças e as mulheres, e na impossibilidade de evitar o emprego destas na mecânica a Federação procure igualar o seu salário ao do homem.»

Operários metalúrgicos

A comissão de melhoramentos do S. U. Metalúrgico, em obediência às deliberações tomadas na sessão anterior, convida todos os metalúrgicos sem trabalho a inscreverem-se na lista que está patente todos os dias, das 20 às 22 horas, a fim de se lhes procurar colocação.

A comissão encontra-se em sessão permanente.

Impressores tipográficos

Convidam-se os componentes desta classe, que estejam desempregados ou não trabalhem semanas completas, a inscreverem-se no sindicato, das 21 às 23 horas.

Sendo hoje o último dia de inscrição, aos interessados fica a responsabilidade das consequências que resultem da sua falta a esta convocação.

Manufatores de calçado

Reúne hoje a classe em assembleia magna, pelas 20 horas, para apreciar a crise de trabalho e deliberar o caminho a seguir. Atendendo à importância do assunto pede-se a comparencia de todos os componentes, sócios e não sócios.

A empresa das minas de Aljustrel quer esfomear os seus operários

ALJUSTREL, 9.—Mais uma vez a empresa das minas de Aljustrel faz acordos os protestos dos seus assalariados por uma pretensão injusta.

Quer agora aquela empresa reduzir 20 % aos salários dos seus operários. Firmase, porventura, no pretexto da descida do câmbio que em nada vem beneficiar as classes trabalhadoras desta vila, pois o custo da vida mantém-se como antes da baixa da libra.

Porém, ainda não é aí que está o principal motivo para a indignação dos operários; e esse consiste em que os salários que auferem não vão além de 8500 e 10500. É inacreditável que a estes salários de fome se pretenda ainda fazer abatimento.

O proletariado mineiro não pode curvar-se a esta extorsão da empresa e deve afirmar a sua rebeldia na defesa dos seus direitos conquistados.—C.

Foi ainda aprovada a seguinte moção, respeitante àquela conclusão, de Rozendo Viana:

O Congresso, apreciando a 2.ª conclusão da tese «A Mecânica na Indústria de Calçado», resolve que os sindicatos em todo o país desenvolvam uma acção tendente a pôr em prática desde já aquela conclusão, de acordo com a respectiva Federação.

A terceira conclusão sofreu discussão por parte de vários congressistas, sendo aprovada com a seguinte emenda de Aleixo de Oliveira:

«Não sendo de fácil praticabilidade a conclusão 3.ª na parte referente à admissão de turnos do sem-trabalho nas fábricas, proponho que se faça a redução do horário de trabalho para 6 horas para se atender aos desempregados.»

A quarta e última conclusão foi aprovada, depois do que se encerrou a sessão, eram 24 horas.

HORÁRIO DE TRABALHO

Trabalhadores rurais de Aldealega

ALDEALEGA, 9.—Convocada pela direcção da Associação dos Trabalhadores Aldealeguenses, realizou-se uma sessão magna para tratar do horário de trabalho.

Francisco Pedro Marques e José Luís dos Santos, sobre a ferrada de trabalho, dizem que ela deve ser de duas horas e não de hora e meia, como os lavradores pretendem.

António Inácio Barbosa congratula-se com a presença de muitas mulheres na assistência, aconselhando-as a organizarem-se. Referindo-se às ferradas no trabalho, diz que a redução que os lavradores querem fazer é apenas para experimentar a força da organização dos trabalhadores, e aconselha estes a não ferrarem no trabalho senão com duas horas de sol. Recomenda aos operários que leiam A. Batalha e diz que a praça deve acabar e deve ser a Associação que fixe os salários.

Foi aprovada uma moção que estabelecia a ferrada de duas horas, impondo aos capatazes e lavradores o dever de respeitarem esta regalia dos rurais.

A sessão terminou entre vivas à C. G. T., A. Batalha, etc.

SOLIDARIEDADE

Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão das festas em benefício de José Lopes. Lembra a mesma comissão a todos os camaradas que têm bilhetes para os liquidar até hoje, na Secção profissional dos canteiros e polidores de mármore, das 21 às 24 horas.

CLASSES QUE RECLAMAM

Ferrovários do Sul e Sueste

Para se pronunciar sobre o pedido de aumento de vencimentos e situação dos demitidos, reúne hoje a assembleia geral dos ferroviários do Sul e Sueste, às 23,30, na Casa dos Ferrovários, no Barreiro, com a seguinte ordem dos trabalhos:

Atitude da classe em face da resposta da Direcção sobre a situação dos demitidos; resposta do governo e da Administração Geral ao pedido de aumento de vencimentos; discussão e votação das questões postas pela Comissão Administrativa.

As delegações far-se-ão representar por delegados directos que exporão nas assembleias que se seguem, os assuntos que forem discutidos e votados na sede.

Para isso é convocação o pessoal sindical da linha a reunir nos seguintes dias e locais:

Casa Branca, dia 14, pelas 19 horas; Beja, dia 13, pelas 20 horas; Faro, dia 16, pelas 15 horas.

Vida Sindical

U. S. O. Comissão Administrativa

Reúne hoje, às 20 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação Metalúrgica.—Comissão pró-auxílio.—Tendo esta comissão terminado o envio de circulares aos sindicatos pedindo auxílio de um escudo—por uma só vez—a favor desta Federação, e recebendo já algumas respostas favoráveis, resolveu reunir amanhã a fim de intensificar o andamento dos seus trabalhos.

Medidores de cereais.—A assembleia geral aprovou o relatório do delegado ao congresso marítimo e resolveu a adesão à I. S. V., que se efectivará quando o determinar a Federação.

Impressores Tipográficos.—Reuniu a direcção, que se ocupou das contas do último movimento nas casas de obras, e resolveu chamar a atenção dos delegados à Federação e U. S. O. para as resoluções da Conferência Gráfica e realizar no próximo dia 19 uma sessão solene e conferência comemorando o 26.º aniversário do sindicato.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

Federação dos Empregados no Comércio.—Conselho Geral do Sul.—Para apreciar um trabalho sobre chomage no comércio e resolver sobre a tese «Nova estrutura da organização», às 21 horas.

Federação Marítima.—A comissão organizadora do 3.º Congresso e os camaradas eleitos para o Secretariado, às 20 horas.

Conselho Técnico da Construção Civil.—A's 20 e meia horas.

Fragateiros.—Assamblea geral e distribuição do auxílio de 50500 aos sócios inválidos, comemorando o aniversário, às 19 horas.

Contra-mestres, marinheiros e moços.—Para apreciar o relatório dos delegados ao Congresso e estatutos da Caixa de Previdência e Assistência ao pessoal da marinha mercante, às 19 horas, a assembleia geral extraordinária.

Operários do Município.—A comissão elaboradora dos novos estatutos, às 20,30.

Sindicato Único Metalúrgico.—C. pessoal da Párceria dos Vapores Lisboenses, às 17 horas.

Secção dos electricistas.—A's 20,30 horas, a assembleia magna para apreciar os trabalhos da comissão de propaganda e melhoramentos.

Secção de Belem.—Para tratar da situação grave de momento, às 20,30 horas.

PARA DIAS PRÓXIMOS:
Sindicato Único Metalúrgico.—Secção do Alto do Pina.—Na sexta-feira, às 20 horas, a assembleia geral extraordinária, a pedido da comissão administrativa do Sindicato.

SINDICATOS DA PROVÍNCIA

Descarregadores de mar e terra de Almada.—Reúne hoje a assembleia geral, pelas 18 horas, para apreciar e discutir o relatório do delegado ao congresso marítimo, nomear delegados à Federação e outros assuntos de resolução imediata.

Federação dos trabalhadores rurais.—Em reunião do conselho federal foi resolvido secundar os protestos contra a cédula pessoal dos rurais de Ervedal e contra o aumento dos foros da associação de Ponte de Sôr.

Apreciou a crise de trabalho a que se referiam os comités de Beja e Fronteira, e o parecer do comité confederal, sendo resolvido enviar a todos os sindicatos uma circular a fim de esclarecer os mesmos e ser apreciada como merece tão magno assunto, assim como fazer um torneio de propaganda.

Construção Civil de Parede e arredores.—Reuniu a assembleia geral, que resolveu convidar Carlos Coelho a uma reunião para se harmonizar uma questão com Júlio Eleuterio. Essa assembleia deve ser marcada pelo primeiro camarada.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação.—A Federação das Juventudes Sindicatas, apreciando os últimos acontecimentos de Espanha, onde a mais odiosa e execranda das tiranias oprime um povo inteiro, aconselha todos os núcleos e bem assim todos os jovens sindicatas da região portuguesa a promoverem a maior agitação, realizando sessões, editando manifestos, etc., afirmando assim a sua solidariedade com os revolucionários espanhóis na luta contra a repressão e pela libertação do proletariado espanhol.

Comunica aos núcleos que a F. J. S. está preparando um trabalho de carácter nacional para o qual chama a sua atenção no sentido de ser imediatamente posto em prática logo que a Federação o indique.

—Reúne hoje, pelas 20 horas, o comité federal.

Núcleo de Lisboa.—Secretariado da propaganda.—Por motivo da reorganização da Biblioteca, convida todos os camaradas que tenham livros em seu poder, para os entregar o mais breve possível. Deve comparecer o secretário administrativo.

Secção Metalúrgica.—Pede-se a todos os camaradas para que compareçam na sede para tratarem da sua situação dentro da secção. A sede encontra-se aberta às segundas, quartas e sextas-feiras, das 21 às 0 horas.